



UNIVERSIDADE PRESIDENTE ANTÔNIO CARLOS - UNIPAC
CULDADE REGIONAL DE CIÊNCIAS EXATAS E SOCIAIS DE BARBACENA -
FACEC
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MARIA HELENA MONTEIRO NASCIMENTO PIMENTEL

**COMPORTAMENTO DO PROFESSOR E RENDIMENTO DOS ALUNOS: UMA
ANÁLISE DAS POSSÍVEIS VARIÁVEIS QUE INTERFEREM NESSA RELAÇÃO**

BARBACENA
2014

MARIA HELENA MONTEIRO NASCIMENTO PIMENTEL

**COMPORTAMENTO DO PROFESSOR E RENDIMENTO DOS ALUNOS: UMA
ANÁLISE DAS POSSÍVEIS VARIÁVEIS QUE INTERFEREM NESTA RELAÇÃO**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Presidente Antônio Carlos- UNIPAC, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Prof^ª Esp. Karina Aparecida Coelho Otoni

**BARBACENA
2014**

Maria Helena Monteiro Nascimento Pimentel

COMPORTAMENTO DO PROFESSOR E RENDIMENTO DOS ALUNOS: UMA ANÁLISE DAS POSSÍVEIS VARIÁVEIS QUE INTERFEREM NESTA RELAÇÃO

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Psicologia da Universidade Presidente Antônio Carlos- UNIPAC, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Aprovada em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Profª Orientadora Esp. Karina Aparecida Coelho Otoni
Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC

Psicopedagoga Maria da Conceição Fajardo Monteiro
Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC

Profª Me. Maria Margarete Pinto Chaves
Universidade Presidente Antônio Carlos – UNIPAC

Resumo

O comportamento do professor assim como a relação em que este estabelece dentro de sala de aula interfere diretamente no rendimento dos alunos no processo de ensino aprendizagem. O objetivo deste trabalho foi analisar a relação entre professor e aluno a partir de uma breve revisão de literatura. Os resultados apontam que o sistema educacional brasileiro é falho, configurado em uma abordagem de ensino chamada Tradicional. Esta abordagem é caracterizada por uma relação hierárquica em que o professor ocupa um lugar superior ao do aluno e detém o poder decisório no processo de ensino-aprendizagem. Para manter esta posição de superioridade, muitas vezes, os professores abusam dos estímulos aversivos para controlar o comportamento dos alunos. Verificou-se que os estímulos aversivos estimulam a indisciplina, a agressividade, a insegurança, a insatisfação e muitas vezes o abandono escolar por parte dos estudantes, ou seja, a metodologia de ensino aplicada seleciona exatamente os comportamentos que se busca evitar. Consequentemente, na maior parte das vezes o objetivo do ensino não é alcançado. A partir da análise realizada discute-se a possibilidade de introduzir novos recursos para melhorar a eficácia do ensino, tais como a observação dos repertórios comportamentais iniciais e intermediárias dos alunos quando de sua entrada na vida escolar bem como durante seu desenvolvimento; planejamento de aulas baseado em tais repertórios; ensino individualizado e relações reforçadoras.

Palavras chave: Comportamento do professor, relação professor-aluno, estímulos aversivos na educação e estímulos reforçadores na educação.

Abstract

The behavior of the teacher as well as the relationship established in the classroom directly affects the performance of students in the teaching learning process. The objective of this study was to analyze the relationship between teacher and student through a brief literature review. The results indicate that the Brazilian educational system is flawed, set on a teaching approach called Traditional. This approach is characterized by a hierarchical relationship in which the teacher is in a higher place than the student and holds the decisive power in the teaching-learning process. To maintain this position of superiority, teachers generally use aversive stimulus to control student`s behavior. It was found that aversive stimulous often create indiscipline, aggression, insecurity, dissatisfaction and school dropouts by students. As we can see, the teaching methodology applied selects exactly the behaviors that we seek to avoid. Consequently, in most cases the purpose of teaching is not achieved. From the analysis we discuss the possibility of introducing new features to improve the effectiveness of teaching, such as the observation of the initial and intermediate behavioral repertoires of students when they enter the school life as well as during its development; lesson planning based on such repertoires; individualized teaching and reinforcing relationships.

Keywords: Behavior of the teacher, teacher-student relationship, aversive stimuli in education and reinforcing stimuli in education.

Sumário

1 Introdução	07
2 Abordagem Tradicional	10
3 Contingências aversivas: a ilusão de controle de comportamento adequado	16
4 Uma metodologia para o sucesso.....	28
5 Considerações finais.....	38
Referências.....	40

1 Introdução

Segundo Brandão (1989) a educação está na ideologia dos grupos sociais ou no imaginário do ser humano, se espera com ela transformar sujeitos e mundos em algo melhor de acordo com a ideia que se tem de uns e outros, ela ajuda a criar homens através de passar de uns para os outros o saber que os legitima e o constitui, porém na hora de executá-la a mesma forma de ensino que educa pode deseducar, pode fazer o contrário do que se pensa que faz (BRANDÃO, 1989).

A educação surgiu em pequenas sociedades tribais de povos caçadores e agricultores, nesta época os alunos não aprendiam em escolas e não existiam aulas, a aprendizagem era feita através das relações entre as crianças e a natureza guiadas pela presença de um adulto, que, conhecedores da situação ensinavam aos pequenos tudo que sabiam. A criança via, entendia e imitava o gesto do adulto, o adulto fazia, ensinava, incentivava, corrigia, punia e premiava. Espalhados pelos cantos do cotidiano todas as relações estabelecidas seja entre o homem ou o homem e a natureza tem sua dimensão pedagógica. Ali, divididos de acordo com o seu grupo de idade, todos aprendiam os costumes, as crenças e as tradições da tribo, os ofícios de guerra e paz e o saber que torna os indivíduos aptos a conviverem socialmente tornando-os legitimados e reconhecidos (BRANDÃO, 1989).

As grandes sociedades ocidentais como Atenas e Roma surgiram de suas primeiras tribos de camponeses ou pastores e assim como nas aldeias a educação nestas civilizações envolvia o saber da agricultura e do pastoreio, do artesanato de subsistência cotidiana e da arte, tudo isso difundido com o saber dos princípios da honra, da solidariedade e da fidelidade. Durante muito tempo o ensino foi realizado fora da escola, ou seja, ou dentro de casa sendo uma educação familiar, nas oficinas, campos de lavoura, acampamentos ou ao redor dos velhos mestres (BRANDÃO, 1989).

O ensino formal surge quando a educação se submete à pedagogia, produz-se um método específico e criam-se situações próprias para o exercício da educação, estabelece regras e tempos e constitui executores especializados. Todo o ensino passa a ser baseado na figura de educadores que são escolhidos entre todos que ali permaneciam para exercer este tipo de ofício. É quando se reduz a aldeia, as oficinas e os campos de lavoura em escolas e salas de aulas e surge o aluno e o professor (BRANDÃO, 1989).

O ensino formal surgiu e é este tipo de ensino que permanece até hoje, criou-se escolas e salas de aulas sendo estas vistas como uma instituição criada exclusivamente para a educação, os educadores passaram a ser chamados de professores e os educando de alunos.

Este é um estudo sobre o comportamento do professor e as relações que este estabelece com seus alunos dentro de sala de aula. Embora o processo da educação tenha avançado em muitos quesitos, o que se tem observado é que os estímulos aversivos e reforçadores criados pelos professores no ambiente escolar têm uma grande interferência nos resultados acadêmicos dos alunos.

A prática educacional mais utilizada, hoje em dia, nas escolas é a abordagem tradicional, nela o ensino é centrado no professor, cujo papel é além de instruir os alunos e fazer com que eles adquiram informações, criar a metodologia das aulas, a partir de um ambiente susceptível à aprendizagem e estabelecer relações entre eles e seus estudantes. Alunos geralmente interagem uns com os outros de forma igual, mas, normalmente, com os professores eles interagem como se fossem inferiores; é através desta relação de inferioridade que fica evidente o poder do professor (MIZUKAMI, 1986).

O presente estudo tem como objetivo fazer uma reflexão a respeito da interferência do comportamento do professor no processo de aprendizagem do aluno, mais especificamente, como a atitude do professor em sala de aula pode contribuir para instalar no aluno o repertório de interesse nas questões acadêmicas. Há duas vertentes referentes à análise das relações estabelecidas entre professor e aluno. A literatura consultada aponta que relações baseadas em estímulos reforçadores são motivadoras e geram resultados satisfatórios da aprendizagem, assim como relações baseadas em estímulos aversivos são capazes de prejudicar o rendimento dos alunos e tem como consequência o fracasso escolar.

Relações reforçadoras entre aluno e professor estimulam confiança e entusiasmo, instigam certo fascínio pela figura do mestre e, conseqüentemente, pela disciplina, promovendo um aprendizado satisfatório; já as relações debilitadas pelos estímulos aversivos são percebidas através da prática impessoal de muitos professores e são capazes de provocar indisciplina e agressividade podendo ainda gerar bloqueios nos alunos em relação à figura do professor, a matéria em que este leciona ou a todo processo pedagógico.

O abuso dos estímulos aversivos para controlar o comportamento dos alunos provoca conseqüências contrárias ao que os profissionais da educação esperam. Tendo em vista este fator é provável que os professores necessitem de um instrumento que facilite a compreensão desta situação que pode ser a maior causa da falta de motivação dos estudantes no processo ensino aprendizagem.

O que se espera com este estudo é pontuar as consequências das relações baseadas em estímulos aversivos assim como pontuar as consequências das relações baseadas em estímulos reforçadores e ainda discutir novas possibilidades para melhorar a eficácia do ensino atual.

Dessa forma o presente trabalho visa alertar os profissionais da área da educação sobre as consequências de uma relação pontuada por punições excessivas, na motivação e no rendimento educacional dos alunos. Com a sustentação de uma literatura ampla e específica sobre o assunto propõe-se ao final desta pesquisa discutir os fatores que influenciam na motivação dos alunos para tentar auxiliar os profissionais da educação a desenvolverem alternativas para a recuperação do interesse dos alunos e seu consequente sucesso escolar e melhorar a eficácia do ensino atual.

2 Abordagem Tradicional

A crise educacional é um tema amplamente discutido por diversos profissionais e em variados setores. A grande quantidade de informações, o vasto número de dados e os diversos tipos de queixas que existem a respeito deste tema nos mostra o auto nível da complexidade para analisar e chegar a uma conclusão satisfatória sobre o assunto. A literatura existente e referente sobre este assunto insiste em afirmar que o objetivo da educação não está sendo alcançado, ou seja, não está havendo aquisição de conhecimento por parte dos alunos. A imagem da crise educacional pode ser representada de acordo com vários fatores (HUBNER, 2004). Alguns destes fatores como a metodologia de ensino adotada e a relação entre professor-aluno serão temas destacados e detalhados ao longo deste trabalho.

Existem variadas teorias a respeito de como deve se realizar o processo de ensino-aprendizagem e de como o ensino deve ser feito para que o aluno adquira o conhecimento. Dentre as diversas abordagens existentes para a efetuação da educação a mais presente em todas as escolas é a chamada abordagem tradicional. A abordagem tradicional parte do pressuposto que o homem nasce sem ter nenhum conhecimento e este, assim como o processo de saber e agir, vão sendo adquirido ao longo do tempo por experiências oferecidas pelo ambiente em que vive. O início deste trabalho faz uma crítica a metodologia utilizada no processo de ensino-aprendizado da abordagem tradicional.

Mizukami(1986) no início de sua obra descreve a abordagem Tradicional e traz junto com ela a teoria de John Locke, filósofo e defensor do empirismo, tal teoria defende que o homem, ao início de sua vida, é visto como um pergaminho em branco, ou seja, não há nenhum conhecimento ou aprendizado. Tal pergaminho é como um receptor de informações aonde vai sendo impressas ao longo da vida os dados, as imagens e as experiências cedidas pelo ambiente (MIZUKAMI, 1986).

Estando inserido em um mundo de informações, o homem absorve aquilo que julga importante e útil para si. Esta absorção é feita até que, completo de informações e seguro delas, ele possa reproduzi-las a outros indivíduos que ainda não têm posse de tais conhecimentos (MIZUKAMI, 1986).

O mundo é algo externo ao sujeito e este vai se apoderando progressivamente dos ensinamentos oferecidos por ele. Na medida em que o indivíduo vai experimentando e se confrontando com as situações, ele vai adquirindo e elaborando uma compreensão melhor do ambiente que o circunda (MIZUKAMI, 1986).

Em se tratando de educação escolar, como salientado acima, a abordagem de ensino mais comum é a abordagem tradicional. Esta abordagem nos permite fazer uma comparação entre o aluno e a tábula rasa e o professor e o ambiente, vejamos, o aluno é visto como o pergaminho em branco apto a receber informações e conhecimento, enquanto o professor tem o papel de fornecer e imprimir ensinamentos no papel em branco (MIZUKAMI, 1986).

Baseadas nos conceitos da abordagem tradicional, as escolas têm a finalidade de transmitir conhecimento aos alunos. Apontam-se as salas de aula como o ambiente de aprendizagem escolar, o aluno como o indivíduo que vai adquirir o conhecimento e o professor como o intercessor entre os alunos e o conhecimento (MIZUKAMI, 1986).

A relação dentro de sala de aula é constituída por dois pólos, um deles são os alunos que ocupam seus devidos lugares de acordo com um mapa de sala construído pela escola e a quem são ensinados e dadas instruções pelo professor, o qual ocupa o outro polo da relação. Este discursa sobre um determinado assunto a fim de que os alunos absorvam o conteúdo, adquirindo o conhecimento (MIZUKAMI, 1986).

O professor detém o poder dentro de sala de aula, além de instruir os alunos e fazer com que eles adquiram informações. É seu papel manter um ambiente agradável e reforçador para o aluno, estreitar os laços entre os dois pólos, estabelecer uma relação de confiança, decidir a metodologia da aula, a forma de avaliação e de interação entre os que ali permanecem (MIZUKAMI, 1986).

A evolução das potencialidades do aprendiz também é responsabilidade do educador, assim como incentivar a capacidade de pensar. Entre os diversos objetivos do professor, estimular o aluno a aprender é um dos seus compromissos mais importantes no processo de ensino aprendizagem (CHAKUR, 1995).

Logo, percebe-se que há uma relação hierarquizada dentro das instituições de ensino, onde o professor ocupa um lugar superior ao do aluno. Esta relação hierárquica cria uma autoridade pedagógica e uma dependência do aluno em relação ao professor e a tudo que ele ordena.

Segundo a descrição de BOHOSLAVSKY (1981),

[o professor] se funda nos seguintes pressupostos: "saber mais"; proteger o aluno para que não cometa erros; julgar o aluno e determinar a legitimidade dos seus interesses; definir a comunicação com o aluno, na qual são estabelecidos o contexto e a identidade dos participantes. Assim, "o professor é quem regula o tempo, o espaço e

os papéis desta relação (...) quem institui um código e um repertório possível (BOHOSLAVSKY, *apud* CHAKUR, 1981, p.321).

É dever do professor se certificar do comportamento dos alunos, sendo estes comportamentos positivos ou negativos. Comportamentos positivos são estabelecidos e condicionados por reforços emitidos pelo professor, sendo eles: reconhecimento, prestígio, elogios, prêmios e notas. Tais reforços são aliados a outros tipos de reforçadores presentes no sistema tradicional e no âmbito social que são: diplomas e aprovações, status social, futura carreira profissional entre outros (MIZUKAMI, 1986).

Já comportamentos negativos são instalados e sustentados por contingências punitivas, alguns professores, independente de qualquer sentimento de irritação ou cansaço, lecionam suas aulas de maneira impessoal, preferindo manter uma relação de distância com os alunos e, muitas vezes, ferem a autoestima destes. Nesta relação é muito comum nos depararmos com gritos, xingamentos, humilhações, castigos, indiferença e demais. Este tipo de contingência aversiva pode gerar um bloqueio nos alunos em função da própria relação estabelecida pelo professor, ou ainda em relação à matéria lecionada ou a todo o processo educacional.

Relações reforçadoras entre aluno e professor são capazes de estimular o aluno, fazendo com que o mesmo se torne mais participativo, alegre, seguro e satisfeito em sala de aula, promovendo um ensino mais eficaz. Contudo, quando nos deparamos com uma relação enfraquecida pelos processos punitivos, encontramos alunos tristes, irritados, inseguros e desmotivados a aprender (SKINNER, 1972).

Geralmente, os alunos interagem uns com os outros de forma igual, mas normalmente, com os professores, eles interagem como se fossem inferiores. E é através desta sensação de inferioridade que fica evidente o poder decisório do professor (MIZUKAMI, 1986).

As aulas são lecionadas de forma que o professor, dotado de sua figura de mediador do conhecimento, fique de pé à frente de seus alunos, transmitindo seus ensinamentos, tendo este o monopólio da palavra. Já os receptores de informações ficam assentados, dispostos em fileiras como em um auditório, escutando exaustivamente o discurso do professor. Este método é chamado de método expositivo (MIZUKAMI, 1986).

O método expositivo não é mais do que o professor expor ao aluno de forma verbal o objeto de estudo, onde traz para o estudante os princípios mais relevantes para a aquisição do conteúdo (VASCONCELLOS, 2005).

O professor já entra em seu ambiente de trabalho com o conteúdo programado e cabe ao aluno escutar todas as informações de forma passiva. O aprendizado é adquirido quando o aluno consegue repetir a matéria programada de forma automática (MIZUKAMI, 1986). Segundo Mizukami (1986):

A reprodução do conteúdo feita pelo aluno, de forma automática e sem variações na maioria das vezes, é considerada como um poderoso e suficiente indicador de que houve aprendizagem e de que, portanto, o produto está assegurado (MIZUKAMI, 1986, p. 15).

Geralmente, o professor só modifica o conteúdo quando conclui a exposição de informações seguidas de atividades repetitivas sobre o assunto. O sistema impõe que se deve dar continuidade às aulas mesmo sem o aprendizado do aluno e o professor só toma consciência deste não aprendizado quando aplica a atividade avaliativa (MIZUKAMI, 1986).

As avaliações são aplicadas ao final de um determinado período com o objetivo de verificar a absorção dos conteúdos pelos alunos. Nelas, espera-se que o aluno repita com exatidão as informações passadas a ele dentro de sala de aula (MIZUKAMI, 1986). As notas são proporcionais ao nível de aprendizagem do aluno e em alguns casos são reforçadoras, já em outras são vistas como um processo aversivo.

As informações adquiridas no processo de aprendizagem pelo aluno são repassadas ao professor no processo avaliativo. Este método de avaliação pode ser reforçador ou punitivo, alguns alunos se preocupam mais com o empenho em realizar as avaliações do que com a própria aprendizagem, já que o sistema educacional tradicional dá muita ênfase a esses métodos (VASCONCELLOS, 2005).

O processo ensino-aprendizagem pode ser assim sintetizado: o professor passa para o aluno, através do método de exposição verbal da matéria, bem como exercícios de fixação e memorização, os conteúdos acumulados culturalmente pelo homem, considerados como verdades absolutas. Nesse processo predomina a autoridade do professor enquanto o aluno é reduzido a um mero agente passivo. Os conteúdos, por sua vez, pouco tem a ver com a realidade concreta dos alunos, com sua vivência. Os alunos menos capazes devem lutar para superar suas dificuldades, para conquistar o seu lugar junto aos mais capazes (VASCONCELLOS, 2005).

Hamilton Werneck, pedagogo, afirma que esta abordagem também é conhecida como pedagogia do fingimento onde o sistema de ensino é visto apenas de forma burocrática, não havendo aulas que estimulem a aprendizagem, os professores não são reforçadores, não utilizam de forma correta o material didático, o método avaliativo é duvidoso, os alunos

decoram os conteúdos não absorvendo o conhecimento e são aprovados com facilidade (WERNECK, 1992).

O professor dotado do livro, que hoje não passa meramente de um objeto, entra em sala para lecionar suas aulas. Os livros perderam seu espaço no mundo acadêmico pelos resumos elaborados pelo professor. Os alunos copiam do quadro, em um processo ultrapassado, alguns tópicos assinalados pelo mestre e este afirma que tais tópicos são o suficiente para o aprendizado dos estudantes (WERNECK, 1992).

Esta didática onde os resumos prevalecem, é chamada de didática do atalho, em que o professor, com medo de não cumprir o programa exigido pelo governo, elabora um resumo de todo o conteúdo, colocando nele, apenas, aquilo que julga ser importante. Em alguns casos, o educador, querendo ganhar tempo, já passa ao aluno o resultado, a conclusão, a fórmula, deixando de lado a responsabilidade com a reflexão do aprendiz para a absorção do conhecimento (VASCONCELLOS, 2005).

O discurso do professor é um monólogo, onde eles afirmam que suas falas são claras o bastante para não gerarem dúvidas nos alunos. O que acontece, muitas vezes, é que o educando não tem base para assimilar os ensinamentos do mestre e se sente confuso, deveria então sanar suas dúvidas, mas não o faz por medo ou vergonha de ser exposto ao ridículo. O aluno, por medo ou vergonha, nada fala e o professor, por comodidade e pressa em realizar o programa, nada pergunta (WERNECK, 1992).

O método de fingimento, segundo Werneck (1992), é “o professor finge que ensina e, depois nada exige; os alunos fingem que aprendem e nada falam” (WERNECK, 1992, p.15).

O que acontece, mediante todo este processo falho da abordagem tradicional é que o aluno não absorve o conhecimento não tendo chance de construir a aprendizagem. Isto ocorre por um problema chamado de “falta de base”, ou seja, a matéria não foi dada ou o aluno não aprendeu em consequência da maneira em que a matéria foi dada. O baixo nível de aprendizado não se refere à memorização ou à repetição exata do conteúdo, mas a falta de aquisição do conteúdo. O educando não é capaz de reproduzir o conteúdo futuramente, pois houve uma memorização não a aquisição da informação e por consequência uma não aprendizagem (VASCONCELLOS, 2005).

O sistema de educação presente nas escolas não tem conseguido despertar o interesse dos alunos e conseqüentemente não são capazes de estimular os alunos a transformarem aquilo que o processo educativo deseja. Como se viu, neste ensino, o professor tem o papel central, tendo uma função importante se não decisória no processo de aprendizagem de seus respectivos alunos e por isso deve-se ressaltar que existem contingências que são reforçadoras

ou punitivas para o professor e estas influenciam diretamente na maneira em que os mesmos lecionam suas aulas.

O autor destaca certas práticas comuns na escola, que considera prejudiciais ao bom desenvolvimento da tarefa pedagógica e que podem sugerir pistas quanto a alguns controles que estão operando sobre o comportamento do professor (LUNA, MARINOTTI, PEREIRA, 2004 in HUBNER, pag16).

A pequena remuneração dos profissionais, a precária estrutura de ensino assim como a aceitação dos alunos em relação a estes fatos são fatores que também promovem a baixa qualidade da educação. Tais aspectos não serão foco de análise deste trabalho, mas são vistos como processos punitivos em relação ao professor, tornando-os desmotivados a exercer suas funções, influenciando diretamente no aprendizado do aluno (LUNA, MARINOTTI, PEREIRA, 2004 in HÜBNER).

Levando em consideração o papel central que o professor ocupa no processo de ensino aprendizagem, baseado nesta abordagem tradicional, faz-se a seguir uma análise das possíveis variáveis que interferem na relação entre professor-aluno e como estas influenciam no processo pedagógico.

3 Contingências aversivas: a ilusão de controle de comportamento adequado

Uma das maiores colaborações que Skinner ofereceu à psicologia foi o estudo das consequências dos comportamentos. Segundo a teoria skinneriana o comportamento é controlado por suas consequências, ou seja, as consequências do nosso comportamento vão intervir diretamente na maneira como você vai agir futuramente. Segundo Moreira e Medeiros (2007) “Dizer que as consequências dos comportamentos chega a afetá-los é o mesmo que dizer que as consequências determinarão, em algum grau, se os comportamentos que as produziram ocorrerão ou não outra vez, ou se ocorrerão com maior ou menor frequência” (MOREIRA e MEDEIROS, 2007,p.49).

As consequências podem ser reforçadoras ou punitivas e são esses mecanismos de controle do comportamento que influenciam se o comportamento vai voltar a ocorrer ou não. Geralmente consequências reforçadoras aumentam a probabilidade de o comportamento voltar a ocorrer pois o comportamento foi fortalecido pela consequência reforçadora. Quando as ações têm consequências punitivas ou aversivas os comportamentos tendem a diminuir ou extinguir.

Imagine que você passe por uma pessoa na rua e diga “olá” a ela, se esta pessoa responder seu cumprimento é muito provável que a próxima vez que você encontrar com essa pessoa você voltará a cumprimentá-la. Agora imagine que você encontre com esta pessoa e diga “olá” a ela e ela lhe ignorar não respondendo, se esta situação se repetir por algumas vezes é provável que chegará um dia que você passará por esta pessoa e não cumprimentá-la mais. Quando a pessoa respondeu seu cumprimento, ela reforçou seu comportamento de cumprimentá-la e este comportamento voltará a ocorrer sempre que você a vir, porém quando esta pessoa não lhe respondeu o cumprimento ela não reforçou seu comportamento e comportamentos não reforçados tendem a diminuir ou a extinguir (MOREIRA e MEDEIROS, 2007).

As consequências dos atos ocorrem de maneira espontânea e quase sempre natural e é devido a esta naturalidade que muitas vezes nem percebe-se que estão sendo influenciados o tempo todo pelo resultado de suas ações. Continua-se repetindo o comportamento por que se deparam com um grande número de consequências que os reforçam a produzir aquele comportamento novamente, ainda há aqueles comportamentos que abandonam ou deixam de repeti-los pelas variadas consequências punitivas em que se deparam (MOREIRA e MEDEIROS, 2007).

Quando há um estímulo, há posteriormente uma resposta e essa resposta não pode ser prevista ou controlada antes de haver uma consequência. As respostas só são controladas a partir do momento em que há uma consequência reforçadora ou punitiva. Quando uma resposta é reforçada, este reforço possibilita uma classe de respostas futuras e a esta classe de respostas dá-se o nome de “operante” (MOREIRA e MEDEIROS, 2007).

O comportamento operante é aquele comportamento aprendido mediante a sua consequência, se a consequência for positiva o comportamento volta a ocorrer, se a consequência for punitiva o comportamento tende a diminuir (MOREIRA e MEDEIROS, 2007).

Muitas vezes se questionam o porquê existem crianças birrentas que fazem birra na rua, o comportamento da criança de chorar e gritar para conseguir aquilo que deseja, é reforçado pela consequência de ganhar aquilo que almeja. Muitas vezes os pais entregam logo aquilo que a criança deseja, ou a levam em algum lugar específico para que ela pare de gritar e de se comportar de maneira inadequada mas o ato de dar a ela ou levar ela a algum lugar, na verdade, reforça o comportamento inadequado da criança de fazer birra. Em casos de crianças não birrentas, muito provavelmente, os pais não deram a ela aquilo que ela desejava, não reforçando o comportamento. Quando o comportamento dela não é reforçado a tendência é que ele diminua.

Além de aumentar a probabilidade do comportamento voltar a ocorrer o reforço ainda tem outros efeitos em relação o comportamento do indivíduo, um deles é a diminuição da probabilidade de outros comportamentos ocorrerem a não ser aquele reforçado no momento (MOREIRA e MEDEIROS, 2007). Por exemplo: no caso das crianças birrentas, os pais podem diminuir o comportamento da birra se eles aumentarem os reforços mediante a outros comportamentos que eles julgam ser mais adequados como reforçando-as quando elas pedem alguma coisa de maneira educada.

O mesmo se aplica ao ambiente escolar, professores reforçadores tendem a diminuir comportamentos indesejados reforçando comportamentos aceitos pela sociedade. Por exemplo, um professor pode diminuir a “conversa paralela” reforçando o comportamento dos alunos de resolver exercícios, ler, ou até mesmo instigá-los a discutir sobre assuntos pertinentes a aula. Dar atenção aos alunos é uma maneira bem comum dos professores diminuírem comportamentos de indisciplina sendo a atenção, então, uma contingência reforçadora. Professores que dão atenção aos seus alunos quando os mesmos estão realizando as atividades reforçam o comportamento de eles executarem suas tarefas de maneira adequada e diminuem o comportamento destes em relação à agressividade e a indisciplina

Moreira e Medeiros (2007) afirma que o nosso comportamento gera consequências e essas consequências são capazes de controlar a frequência do nosso comportamento. O reforço aumenta a probabilidade de o comportamento voltar a ocorrer, mas quando a consequência reforçadora é retirada o comportamento volta ao seu nível operante, ou seja, quando o reforço é retirado a probabilidade do comportamento voltar a ocorrer diminui (MOREIRA e MEDEIROS, 2007).

Existem dois tipos de reforços os positivos que aumentam a frequência do comportamento em decorrência a uma adição de um estímulo no ambiente e o reforço negativo que aumenta a probabilidade do comportamento ocorrer mediante a retirada de estímulos do ambiente (MOREIRA e MEDEIROS, 2007).

O reforço positivo torna o comportamento mais viável e que, portanto, é uma contingência controladora do comportamento. O reforço negativo é considerado um dos controles aversivos e aumenta a frequência do comportamento mediante a retirada de um estímulo do ambiente, sendo este, também, um poderoso controlador do comportamento (MOREIRA e MEDEIROS, 2007).

Os controles aversivos são constituídos de três controladores do comportamento, o reforço negativo que aumenta a frequência do comportamento mediante a retirada do estímulo e a punição negativa e positiva. A punição é uma consequência que diminui a ocorrência do comportamento sendo que a punição positiva diminui a probabilidade do comportamento voltar a ocorrer mediante a adição de um estímulo aversivo e a punição negativa e a diminuição da frequência do comportamento mediante a retirada do estímulo reforçador do ambiente (MOREIRA e MEDEIROS, 2007). Segundo Moreira e Medeiros (2007)

Defende-se que o controle exercido pelos três tipos de consequência é aversivo porque o indivíduo se comporta para que algo não aconteça, ou seja, para subtrair um estímulo do ambiente ou para fazer com que ele nem mesmo ocorra. Os organismos tendem a evitar ou fugir daquilo que lhes é aversivo (MOREIRA e MEDEIROS, 2007, p. 64).

Existem dois tipos de comportamentos que são emitidos pelo indivíduo quando ele se depara com situações aversivas. Um dos comportamentos é o de fuga, este comportamento tira o indivíduo do ambiente em que há estímulos aversivos, por exemplo, quando um professor está discursando sobre o comportamento inadequado dos alunos dentro de sala de aula. Assim que o professor começa a dar bronca nos alunos e falar em um tom agressivo um determinado aluno inventa uma dor de barriga e pede para ir ao banheiro. Este

comportamento de sair do ambiente onde há estímulos aversivos é chamado de fuga (MOREIRA e MEDEIROS, 2007).

A fuga é a primeira resposta a ser aprendida, sempre foge-se daquilo que é desconhecido (MOREIRA e MEDEIROS, 2007). “Somos modelados a emitir respostas que retirem estímulos aversivos já presentes” (MOREIRA E MEDEIROS, 2007, p. 67).

Outro comportamento emitido pelo indivíduo para não entrar em contato com os estímulos aversivos é o de esquiva. A esquiva atrasa ou evita o contato do o indivíduo com os estímulos aversivos, ou seja, o estímulo aversivo não está no ambiente e emitir este comportamento faz com que os estímulos demorem a aparecer ou não apareçam, por exemplo, quando o aluno faz hora para voltar para sala de aula depois do intervalo pois sabe que o professor entregará as notas da prova assim que o intervalo acabar (MOREIRA E MEDEIROS, 2007).

Uma maneira de diferenciar os dois comportamentos mais frequentes em relação aos estímulos aversivos é, segundo Moreira e Medeiros (2007)

Denominamos comportamento de fuga aqueles em que um estímulo aversivo está presente no ambiente no momento em que o comportamento é emitido e em que a consequência produzida por ele é a retirada do estímulo aversivo do ambiente. Chamamos de comportamento de esquiva aqueles em que um estímulo aversivo não está presente no ambiente no momento em que o comportamento é emitido, e sua consequência é o atraso ou o cancelamento do contato com o estímulo aversivo (MOREIRA E MEDDIROS, 2007, p. 69).

O controle aversivo é um agente controlador do comportamento, reforços negativos aumentam a frequência do comportamento já punições negativas e positivas tem por consequência a diminuição da frequência do comportamento.

Os estímulos aversivos não são generalizados, o estímulo pode ser aversivo para algumas pessoas, mas não para todas, em consequência disto os controles aversivos servem para diminuir a frequência de um determinado comportamento ou no caso de reforços negativos para aumentar o comportamento em determinadas situações (MOREIRA e MEDEIROS, 2007). Por exemplo, a entrada da diretora na sala de aula pode ser um estímulo aversivo para alguns alunos mas não para todos.

Os estímulos punitivos não são definitivos, um comportamento que em outro instante foi punido pode voltar a ocorrer se a consequência punitiva for retirada. Skinner (1998)

denomina esta ocorrência como quebra de contingências porém para que o comportamento volte a ocorrer algum reforço deve ser mantido.

O controle aversivo é uma forma eficaz de controlar o comportamento em se tratando de um controle imediato. “Punir comportamentos inadequados ou indesejados é muito mais fácil e tem efeitos mais imediatos do que reforçar positivamente comportamentos adequados” (MOREIRA, 2007, p.75).

Na medida em que o indivíduo se depara com um determinado controle aversivo de forma frequente ele começa a eliciar respostas emocionais como choro, tremor, sudorese, angústia, entre outros. Um fato a se destacar é quando o agente punidor observa as respostas emocionais do indivíduo que foi punido. Essas respostas emocionais são capazes de eliciar outras respostas no indivíduo responsável pela punição, as respostas observadas no agente punidor muitas vezes são de pena ou culpa. Para o agente punidor essas respostas de pena e culpa são aversivas e este pode começar a emitir estímulos reforçadores para se esquivar de tais respostas. Este efeito é denominado de eliciação de respostas emocionais (MOREIRA e MEDEIROS, 2007). Por exemplo, um professor que pune seu aluno frequentemente passa a ser visto por este como um estímulo aversivo, assim que o professor nota que este aluno se sente acuado em consequência de sua presença o professor se sente culpado e para evitar a resposta de culpa o professor passa a reforçar este mesmo aluno com elogios ou bilhete no caderno.

Outro fator relacionado à punição é o da supressão de outros comportamentos além do punido, isto é, a punição não é capaz de diminuir a frequência apenas do comportamento punido, em alguns casos é possível observar que o estímulo punitivo diminui a probabilidade de outros comportamentos que estavam ocorrendo num espaço temporal semelhante ao do comportamento punido diminuir de frequência também (MOREIRA e MEDEIROS, 2007). Por exemplo, um aluno que resolveu ficar dentro de sala de aula na hora do intervalo, está assentado em sua carteira lendo um livro e fazendo o seu lanche, o professor ao se deparar com a cena do aluno se alimentando dentro de sala de aula e por cima do livro o pune com xingamentos alegando que o aluno não pode se alimentar dentro de sala de aula, o comportamento de lanche dentro de sala de aula foi punido e conseqüentemente diminuirá a probabilidade dele voltar a ocorrer, provavelmente o comportamento de ler um livro no horário do intervalo terá sua frequência reduzida também.

O controle aversivo é capaz de gerar vários efeitos colaterais, porém o mais indesejado é o chamado contracontrole. No contracontrole o indivíduo é capaz de emitir uma resposta nova para impedir o agente controlador, neste caso o agente controlador é impedido de

controlar o comportamento do indivíduo, por exemplo, um aluno ao realizar suas atividades não é reforçado pelo professor, mas sempre que deixa de executar suas atividades é punido na frente de seus colegas. O aluno começa a emitir respostas de contracontrole para impedir a punição, ou seja, ele finge que está fazendo suas atividades ou mente alegando que já fez os exercícios para fugir do processo aversivo (MOREIRA e MEDEIROS, 2007).

Skinner (1972) afirma que o processo educacional é repleto de contingências aversivas para controlar o comportamento dos alunos, este controle é frequentemente instalado por ser mais fácil de o professor conseguir a resposta que deseja em relação aos alunos. Com as práticas aversivas o comportamento do aluno é controlado, mas o ensino se torna ineficaz, pois, surgem variados efeitos colaterais na vida do educando em consequência de tais práticas (SKINNER, 1972).

Antigamente os estímulos aversivos eram os castigos físicos, estes eram frequentes nas organizações educacionais. Quando as pessoas eram questionadas sobre o seu processo de aprendizagem logo se lembravam das surras que levaram. A vara de marmelo assim como os cintos de couros eram objetos presentes em sala de aula tão quanto os livros e a lousa. A crueldade do castigo corporal e a ignorância dos professores em relação aos alunos foram requisitos básicos para que houvesse uma mudança no processo educacional (SKINNER, 1972).

Esta mudança ocorreu possibilitando o fim dos castigos físicos, porém, o que mudou foi apenas a forma do controle aversivo, as surras foram deixadas de lado abrindo espaço para uma vasta lista de formas de ridicularizar os alunos. Saíram de cena a palmatória e a vara de marmelo e entraram no contexto educacional as orelhas de burro, a perda dos “recreios”, o lugar demarcado para excluir o aluno das atividades fazendo-o ficar de pé em um canto da sala. O método de controle mudou mas a ameaça ainda estava presente e o fim da aula ainda significava um alívio a todas as contingências aversivas presentes no ambiente escolar (SKINNER, 1972).

As ameaças usadas como forma de controle do comportamento faz parte do repertório verbal que o professor utiliza para lecionar suas aulas. Um efeito a ser observado é quando o repertório verbal consegue modificar o comportamento em outro organismo. O estímulo verbal é um agente controlador do comportamento pois este pode ser capaz de influenciar na frequência das respostas do ouvinte (SKINNER, 1998).

Skinner desenvolveu um estudo para se tratar dos comportamentos referente a linguagem, a este comportamento foi classificado como comportamento verbal. O comportamento verbal é atribuído exclusivamente aos organismos humanos e está fundado

nas mesmas regras que regem sobre o comportamento operante. Entre as características deste comportamento está o fato de que ele não age sobre o ambiente em que o indivíduo se encontra. Segundo Fidalgo e Banaco (2014) “as consequências últimas de uma resposta verbal são mediadas por outro indivíduo- o ouvinte- desde que este tenha passado por um treino especial, o qual lhe permite responder diferencialmente ao comportamento do falante” (FIDALGO e BANACO, 2014 p.01).

O comportamento verbal é considerado um comportamento operante que ocorre mediante a presença de outro indivíduo, o ouvinte. O indivíduo que se comporta verbalmente é considerado o falante, já o ouvinte é aquele indivíduo que se comporta de forma passiva aos estímulos verbais fornecidos pelo outro indivíduo. Este comportamento é considerado tanto reforçador quanto punitivo e depende da situação em que ele vai ser emitido, por quem vai ser emitido e por quem for o receptor deste comportamento. (FIDALGO e BANACO, 2014)

As formas brutais de punições físicas foram quase que esquecidas nos últimos tempos mas para Skinner (1998) “quando uma consequência aversiva é afastada, com frequência cria-se outra para tomar seu lugar” (SKINNER, 1998, p. 441). E o que vemos hoje é um grande número de estímulos aversivos verbais praticados pelo professor para manter o controle de seus alunos.

O comportamento verbal dentro dos estímulos aversivo é considerado um estímulo de punição positiva pois insere-se um estímulo aversivo (xingamentos, broncas, gritos) para que haja uma diminuição da frequência do comportamento indesejado.

O professor usa do controle aversivo com maior frequência pois tem o conhecimento de que é mais forte e maior do que o aluno, como vimos anteriormente, por saber que detém o poder mediante as relações dentro do processo pedagógico. O excesso de estímulos aversivos é visto dentro do ambiente escolar, também, devido a rapidez da consequência reforçadora para quem pune, segundo Moreira e Medeiros “Quem pune para suprimir um comportamento é negativamente reforçado de forma quase imediata” (MOREIRA e MEDEIROS, 2007, p.79). Ou seja, o aluno é punido e imediatamente o professor é reforçado pela diminuição do comportamento indesejado do aluno.

Quando o indivíduo se depara com processos aversivos ele tende a aumentar o comportamento de esquiva e fuga mediante a tais processos e é isto que acontece com o estudante quando ele se depara com a quantidade de processos aversivos dentro do contexto educacional. Segundo Skinner (1972):

Há formas sutis de fuga. Embora fisicamente presente e olhando o professor ou o texto, o estudante não presta atenção. Está histericamente surdo. Sua mente vagueia. Está no mundo da lua. Formas incipiente de fuga manifestam-se como inquietação. O ‘cansaço mental’ geralmente não é um estado de exaustão, mas uma disposição incontrolável de escapar, e escolas há que tratam destes casos permitindo fuga para outras atividades, na esperança de que sejam igualmente proveitosas (SKINNER, 1972, p. 93).

Existem várias maneiras de o estudante tentar escapar dos processos aversivos presentes em sua relação com o seu professor, ele começa a chegar atrasado para os compromissos escolares, sua presença dentro de sala de aula é meramente corporal, está sempre com má vontade para realizar suas atividades e por consequência sempre inventando uma desculpa para não realizá-las. Para Skinner (1972) o jeito mais fácil de o aluno se esquivar dos processos aversivos é simplesmente esquecer aquilo que já aprendeu e deixar pra lá tudo que se refere ao processo de ensino aprendizagem (SKINNER, 1972).

A análise do comportamento espera que os alunos contra-ataquem esses variados estímulos aversivos, os contra-ataques aumentam à medida em que os alunos se deparam com as contingências aversivas impostas pelo professor. Os professores apresentam-se severos para controlar o comportamento dos alunos e estes, mediante a esta situação reagem de maneira violenta. Ao deparar com isto pode-se alegar que professores punitivos, que usam com frequência os controles aversivos, são capazes de estimular a indisciplina (SKINNER, 1972).

Os alunos usam a indisciplina para se esquivarem dos processos aversivos presentes em suas relações com os professores, hoje em dia já é possível observar, mesmo que raramente, um retorno dos ataques físicos dos alunos em relação ao professor, já os ataques verbais são tão comuns que chegam a ser quase diários. Skinner diz que:

[o aluno] pode chegar a ser impertinente, atrevido, rude ou provocador, apresentando até um comportamento verbal obsceno ou irreverente. Quando o professor está presente, os ataques podem assumir a forma de aborrecimento, e os estudantes escapam aos castigos aborrecendo-o subrepticamente – suspirando, bocejando, arrastando os pés, estalando os dedos e brincando (SKINNER, 1972, p. 93).

Esta maneira de desenvolver a indisciplina para contra-atacar as contingências aversivas impostas pelo poder do professor tem crescido progressivamente. Estímulos

aversivos dos professores estimulam respostas agressivas nos alunos. Este jogo de estímulos aversivos e respostas agressivas só acaba quando o aluno desiste do seu processo de ensino aprendizagem, o que acontece na maioria das vezes, ou o professor pede demissão da instituição em que está lecionando suas aulas.

O vandalismo também é conhecido como outra forma de o aluno se esquivar desses estímulos aversivos. É muito comum ouvirmos nos noticiários histórias de depreciação das estruturas físicas das instituições escolares por parte dos alunos. Alguns centros educacionais decidiram vigiar seu patrimônio com câmeras, outras já optaram por fortalecer a segurança. Para Skinner, o anti-intelectualismo é uma forma de resposta a tudo que a educação representa (SKINNER, 1972).

A inatividade é outra maneira, e a mais comum, dos alunos se esquivarem desta relação aversiva. O aluno cria uma barreira em relação ao professor e fica inacessível tanto para o professor quanto para todo o processo de ensino. Professores que usam do controle aversivo frequentemente para lecionar suas aulas são capazes de gerar bloqueio aos alunos, este bloqueio pode ser em relação ao próprio professor, ou a matéria que ele leciona ou ainda a todo o processo pedagógico. Este fato é visto como uma forma dos alunos se esquivarem dos controles aversivos (SKINNER, 1972).

É muito comum alunos repetirem a frase “Eu odeio matemática!” ou “Eu odeio ciências” e esses dizeres são respostas que estes alunos começaram a emitir mediante a consequência de uma relação aversiva com o professor que lecionou tais matérias para aquele determinado aluno.

Professores aversivos além de estimularem a indisciplina e a inatividade dos alunos ainda são capazes de gerar diversas reações emocionais que são prejudiciais para o aluno tanto dentro como fora do ambiente educacional. Para Skinner (1972) a raiva é atributo do contra ataque, a ansiedade e o medo são propriedades da fuga e da esquivas, o ressentimento é característica da inação teimosa (SKINNER, 1972).

Um dos efeitos colaterais das contingências aversivas é a eliciação de respostas emocionais, a partir do momento em que o organismo se depara com os estímulos aversivos eles são capazes de eliciarem respostas emocionais e estas respostas influenciam no comportamento do indivíduo que pune. Um professor considerado punitivo tem seu comportamento controlado por culpa ou pena ao perceber que se tornou um estímulo aversivo para seu aluno, mediante este fato o professor começa a emitir estímulos reforçadores em sua relação com o aluno para se esquivar destes sentimentos que pra ele, também, são um estímulo aversivo.

Além dessas reações emocionais o controle aversivo ainda é capaz de gerar sentimentos de insegurança nos alunos, pois, com medo de serem punidos ficam receosos em realizarem suas atividades, sanarem suas dúvidas ou darem progresso em seu processo educacional. Por consequência da insegurança o aluno se sente insatisfeito, incapaz e frustrado sendo esta outra característica do abandono do processo pedagógico por parte dos alunos. Mesmo usadas de forma moderada as atividades aversivas interferem tanto nas relações com os alunos como no desempenho destes em relação ao processo educacional.

Professores que aderem a esse método são capazes de diminuir a frequência de comportamentos de seus alunos além daquele que ele deseja punir. O professor é responsável por um grande número de alunos em sua classe, segundo a abordagem tradicional ele detém o poder e é responsável pela segurança e pela aquisição do conhecimento de todos que ali permanecem, em consequência disto o professor generaliza os estímulos aversivos para controlar toda a classe, mediante a isto o professor acaba por diminuir a frequência do comportamento de alunos que deveriam ser reforçado (MOREIRA e MEDEIROS, 2007). Por exemplo, um aluno que discute sobre uma determinada matéria com seu colega é punido pelo professor, pois este, alega estar havendo uma conversa paralela, o comportamento de conversar dentro de sala de aula foi punido e provavelmente o comportamento do aluno de discutir assuntos pertinentes as aulas diminuirá de frequência.

Os alunos, já instigados a contra-atacarem os estímulos aversivos dentro de sua relação com o professor e se tornarem indisciplinados e agressivos ainda são indiretamente punidos quando estão agindo de forma adequada e desejada.

De todos os efeitos colaterais relacionados às contingências aversivas presentes no sistema de ensino aprendizagem, o contra controle é o mais indesejado. O organismo começa a emitir comportamentos para que o agente controlador perca o controle de seu comportamento (MOREIRA E MEDEIROS, 2007). Enquanto está sentado em sua carteira fingindo que esta resolvendo suas atividades o aluno esta se comportando de uma maneira a escapar da possibilidade de variados eventos aversivos como a bronca da professora, ou o deboche dos alunos, a nota baixa, a visita a diretora ou a levar um bilhete pra casa onde a punição física ainda pode ocorrer. O aluno finge que está executando suas atividades, consequentemente o conhecimento não é adquirido e este comportamento é emitido apenas para se esquivar das contingências aversivas que virão futuramente caso ele não realize os exercícios propostos pelo professor que usa frequentemente dos efeitos aversivos para controlar seu comportamento (SKINNER, 1972).

As contingências aversivas são comumente vistas no meio das relações entre professores e alunos sendo esta a forma de controle do comportamento mais utilizada. Existem várias razões para o uso frequente de práticas aversivas dentro do processo de ensino aprendizagem, uma delas e a mais frequente é o fato de o professor ter acesso a essas contingências tão facilmente, o arranjo de contingências aversivas é mais fácil de ser encontrado, punir é mais fácil do que reforçar positivamente o comportamento. Outro aspecto é que a cultura do professor já o ensinou que a punição diminui o comportamento indesejado do aluno e esta diminuição do comportamento indesejado é uma consequência reforçadora para o professor. Para Skinner, os métodos aversivos tem grande efeito em relação ao professor (SKINNER,1972).

O jovem professor pode começar sua carreira com uma atitude favorável para com a sua profissão e para com seus alunos, apenas para encontrar-se na posição de quem desempenha um papel consistentemente inamistoso, na medida em que o repertório de comportamento agressivo vai sendo repetidamente reforçado (SKINNER, 1972, p. 95).

As práticas aversivas têm suas consequências quase que imediata e é devido a isso que as contingências aversivas são facilmente aprendidas e utilizadas, porém existem outros estímulos aversivos que influenciam no comportamento do professor e conseqüentemente afetam sua relação com os alunos (SKINNER,1972). Boa parte daquilo que o professor executa dentro de sala de aula é ordem de instâncias superiores a ele e estas instâncias são fortes controladoras do comportamento do professor. Os planos de aulas também são vistos como fortes fatores para controlar o comportamento do professor já que muitas vezes a ação dos professores é determinada por estes planos. A presença de outros professores assim como o julgamento destes diante de suas atitudes podem influir de certa maneira, afinal, determinados tipos de conduta são aceitos pelo corpo docente da instituição enquanto outras condutas são discriminadas. A presença dos pais dentro do ambiente escolar é outro fato que determina o comportamento dos professores, alguns progenitores são extremamente rígidos e exigem tanto do professor quanto da escola, o professor age para corresponder às expectativas dos pais (HUBNER, *et al.* 2004). Entre estas existem outras variáveis que controlam a ação dos professores dentro de sala de aula, essas variáveis por mais que não sejam destacadas no presente trabalho, influenciam diretamente na maneira como os professores se relacionam com os alunos.

Podemos perceber que ocorre exatamente o contrário daquilo que o professor espera com suas punições, por mais que existam contingências que controlam o comportamento do professor quando estes optam por utilizar de controle aversivo frequente para manter a disciplina dentro de sala, eles, na verdade, instigam a violência de seus alunos, aumenta o comportamento agressivo nos mesmos, aumentam o comportamento de fuga e esquiva, o tornam inseguros e por consequência incapazes e frustrados, geram bloqueios e são capazes de influenciar negativamente em todo o processo educacional do estudante.

4 Uma metodologia para o sucesso

Do ponto de vista de Skinner o método de ensino atual é carente. Segundo ele o método de ensino é coberto de contingências aversivas que modelam o comportamento dos alunos de forma ineficaz. A educação é vista como a seção mais importante do processo científico e é preciso melhorá-la (MILHOLLAN e FORISHA, 1978).

O grande problema do ensino aprendizagem é o grande uso de estímulos aversivos para controlar o comportamento dos alunos, as punições corporais foram deixadas de lado dando espaço a ridicularização dos alunos. Críticas, repreensão, tarefas adicionais são vistas com frequência no processo pedagógico para coagir os alunos a estudarem. O aluno passa a maior parte do seu tempo fazendo atividades das quais ele não quer fazer e onde não há nenhum tipo de reforço positivo para que ele aumente a probabilidade do seu comportamento de estudar. Geralmente as atividades são realizadas por que o professor detém o poder dentro de sala de aula e exige que as atividades sejam feitas, não há obtenção de conhecimento, a realização das atividades é uma das maneiras que o aluno encontrou de se esquivar das contingências aversivas presentes na relação entre ele o professor (MILHOLLAN e FORISHA, 1978).

Os professores, em sua maioria, se sentem infelizes ao usarem de controle aversivo para controlar o comportamento dos alunos. Contingências aversivas são usadas frequentemente pois ainda não desenvolveram outras alternativas que sejam eficazes no processo pedagógico. A punição modela o comportamento do aluno de forma imediata enquanto a utilização do reforço é visto como um processo mais trabalhoso (MILHOLLAN e FORISHA, 1978).

O modelo skinneriano para aperfeiçoar as técnicas de ensino é baseado no uso de reforço positivo. Estudantes não aprendem só observando um determinado ambiente, ou quando alguma coisa lhe é contada ou mostrada. Em seu dia a dia eles aprendem a se comportar mediante a consequência de seus atos. Os estudantes aprendem por que foram reforçados a aprender ou reforçados a lembrarem daquilo que viu ou ouviu (MILHOLLAN e FORISHA, 1978).

De acordo com Skinner a escola está empenhada em oferecer a criança um variado número de respostas. O primeiro interesse é modelar as respostas, mas o principal interesse é dispor o comportamento sob grande número de controles de estímulos reforçadores. Estudar os reforços envolvidos, o tempo em que o reforço é apresentado após a resposta e a frequência

em que os reforços são oferecidos são questões que devem ser estudadas e discutidas para se melhorar a relação entre os professores e os alunos (MILHOLLAN e FORISHA, 1978).

O indivíduo se torna professor quando, este, dotado de conhecimento repassa estes conhecimentos aos indivíduos que ainda não os possuem com o objetivo de fazer com que estes indivíduos adquiram o conhecimento e mude o seu repertório de comportamentos. Para que haja um ensino eficaz é necessário que o professor crie um ambiente agradável para o aluno repleto de estímulos reforçadores, assim cria-se uma relação afetiva com o aluno estimulando-o a aprender e desenvolvendo o interesse dos mesmos em relação ao processo de ensino aprendizagem. O professor deve conhecer os comportamentos emitidos pelos alunos no início do processo de ensino aprendizagem para que ele possa planejar um ensino posterior, baseado em tais comportamentos, mais eficaz (JANKE e RODRIGUES, 2010).

É dever de o professor ter o domínio de todo o conteúdo a ser passado ao aluno pois é por meio deste domínio que o professor vai assegurar os objetivos do processo de ensino aprendizagem e consequentemente arquitetar as mudanças que devem ser provocadas no comportamento dos alunos. Além de dominar os assuntos abordados dentro de sala de aula o professor deve estar ciente da metodologia do aprender e do ensinar para que possa realizar o planejamento de contingências reforçadoras eficazes no processo do ensino de seus alunos (JANKE e RODRIGUES, 2010).

À vista disso, o professor, além de ter o conhecimento da matéria/disciplina lecionada ainda é responsável por instalar novos comportamentos mediante a criação de novos ambientes de ensino. Cabe ao professor criar e realizar suas aulas levando sempre em consideração os eventos reforçadores, fornecendo aos alunos um ensino mais ágil e eficiente estabelecendo uma relação mais produtiva e prazerosa. O professor determina os estágios sequenciais do ensino, baseado nos comportamentos iniciais dos alunos dando segmento ao ensino intermediários e finais estando sempre atento aos comportamentos ao longo do processo (JANKE e RODRIGUES, 2010).

Os objetivos do ensino assim como a programação e a execução deste, baseada na análise do comportamento, estão em modo direto relacionados ao que o professor julga considerável na hora de determinar o processo de aquisição de conhecimento dos alunos bem como o processo de instruir do professor (JANKE e RODRIGUES, 2010). Janke e Rodrigues (2010) afirmam que:

Ao saber onde se quer chegar, definindo objetivos claros em termos comportamentais, é mais simples definir o que observar para avaliar se houve aprendizagem. A avaliação requer não somente a avaliação do aluno mas também das condições a ele oferecidas para aprender. A

avaliação do processo ensino-aprendizagem possibilita ao professor rever e planejar as contingências de ensino disponível durante e ao final do processo de ensino-aprendizagem (JANKE e RODRIGUES, 2010, p. 03).

Skinner vê o professor como um encarregado importante na melhoria do ensino, chegando a definí-lo como entendedor do comportamento humano cujo objetivo é provocar mudanças no comportamento de seus alunos (JANKE e RODRIGUES, 2010).

Devemos ressaltar que um professor analítico comportamental deve ser um profissional planejador de contingências, sendo assim o processo de ensino assume destaque na visão skinneriana tendo uma ideia de oposição ao sistema tradicional. Para Skinner a prática educacional tradicional é ineficaz comportando negligências no método de ensino por utilizarem de controle aversivo frequentemente. A aversividade do ensino pode ser gerada pela ineficácia da função escolar e pela ausência do ensino efetivo propriamente dito produzindo um sentimento de frustração nos alunos pelas frequentes tentativas e erros até o uso explícito de controles aversivos (JANKE e RODRIGUES, 2010).

É claro que a proposta de Skinner para a educação não tem uma fórmula ou uma regra específica, mas é capaz de fornecer uma série de maneiras relativamente complexas para executá-las. As instruções dos professores são vistas como a dos demais alunos, em geral, é uma maneira espontânea e natural de aprender baseados nas próprias experiências. Isto é possivelmente eficiente mas pode ser também um caminho perigoso pois quando o processo é estabelecido, com raras exceções, eles se deparam com variadas contingências aversivas que não existiriam se não fossem ‘deixados a própria sorte’ na sua viagem de ensinar e aprender (JANKE e RODRIGUES, 2010).

O modelo Skinneriano é elaborado a partir do método em que o comportamento é reforçado e modelado. Requerem controles e recompensas imediatas assim como a elaboração cuidadosa de contingências reforçadoras, implicam seguimento das atividades de aprendizagem e a modelagem do comportamento, a partir do planejamento de reforços positivos (MIZUKAMI, 1986).

Para Skinner o sistema educacional tem como primeiro objetivo estimular mudanças no comportamento dos indivíduos, mudanças essas que devem ser permanentes e desejáveis, este objetivo se trata tanto de adquirir novos comportamentos como modificar os comportamentos já existentes. Os comportamentos dos alunos são modelados a partir de uma série de estímulos, ou de arranjos reforçadores e é dever do professor assegurar tanto as

contingências reforçadoras quanto a aquisição do novo comportamento (MIZUKAMI, 1986). Segundo Mizukami (1986):

A eficiência na elaboração e utilização dos sistemas, modelos de ensino, depende igualmente, de habilidades do planejador e do professor. Os elementos mínimos a serem considerados para a consecução de um sistema instrucional são: o aluno, um objetivo de aprendizagem e uma plano para alcançar o objetivo proposto” (MIZUKAMI, 1986, p. 31).

Este plano para se alcançar o objetivo da educação é constituído de reforços positivos, programando a estimular um ensino eficaz para qualquer disciplina e para qualquer comportamento, desde que se possa definir antecipadamente o objetivo final desejado (MIZUKAMI, 1986).

A ênfase da proposta sknerianna de aprendizagem está na programação do ensino, baseado no comportamento inicial do aluno. Organizam-se as estruturas para que os alunos dirijam-se aos caminhos para que se cheguem aos comportamentos finais adequados atingindo o objetivo final do ensino. Para Skinner haverá obtenção de conhecimento e de comportamentos desejáveis a partir da programação adequada (MIZUKAMI, 1986).

É dever do professor maximizar o desempenho do aluno através de um planejamento. A etapa do ensino assim como as etapas intermediárias e finais são baseadas no comportamento inicial dos alunos e nos comportamentos decorrentes ao longo do processo de ensino aprendizagem. O professor nesta abordagem é visto como um planejador de contingências reforçadoras com o objetivo de aumentar a frequência de respostas que devem ser aprendidas. É de sua responsabilidade planejar e estudar melhor as contingências reforçadoras em relação às respostas desejadas (MIZUKAMI, 1986).

A metodologia de Skinner implica na individualização do ensino, onde as salas de aula lotadas de alunos, dispostos em suas carteiras, em forma de auditórios acabariam. A abordagem comportamental defende um ensino onde o professor dá aula apenas a um aluno, tal individualização permite que o professor ofereça o conteúdo a ser estudado em pequenos passos e na velocidade do aprendizado de cada aluno, dando *feedbacks* constantes, fornecendo elementos que reforcem diariamente os comportamentos desejáveis, maximizando o desempenho e o desenvolvimento de cada aluno. Esta estratégia possibilita que um maior número de alunos atinjam os mais altos níveis de aprendizagem e desempenho (MIZUKAMI, 1986). Mizukami afirma que:

A instrução individualizada consiste, pois, numa estratégia de ensino, na qual se objetiva a adaptação de procedimentos instrucionais para que os mesmos se ajustem às necessidades individuais de cada aluno, maximizando sua aprendizagem, desempenho, desenvolvimento. Isso pode implicar tanto instrução em grupo como aprendizagem completamente individualizada. Pode permitir variações em ritmo de aprendizagem, objetivos a serem alcançados, métodos e matérias de estudo, nível exigido de rendimento e desempenho. Igualmente, pode ser utilizada em todas as matérias, em algumas matérias, com todos ou alguns alunos (MIZUKAMI, 1986, p. 33).

A estratégia utilizada na abordagem skinneriana é a estratégia para a competência e se baseia no pressuposto de que a aprendizagem é um fenômeno individual e é munido pelo conhecimento preciso sendo estabelecido por parte do aluno levando em conta o que se espera dele assim como o resultado final por ele atingido (MIZUKAMI, 1986).

A educação baseada pela consequência é determinada pela caracterização das etapas para se definir se o desenvolvimento dos alunos está de acordo com as condições indicadas de critérios, desenvolvimento de uma ou mais maneiras de ensino condizentes aos objetivos, conhecimento dos objetivos, formas e critérios de finalização do ensino, atividade complementares e especificação dos propósitos em termos comportamentais (MIZUKAMI, 1986).

O modelo de aprendizagem usado frequentemente neste tipo de ensino pode ser visto como um aglomerado de atividades que facilitam a obtenção de variadas finalidades de aprendizagens baseadas no ensino individual e no planejamento de contingências reforçadoras. Skinner não se empenha em comprovar por que o aluno aprende, ele se preocupa em proporcionar uma tecnologia que seja eficiente para explicar como fazer o aluno aprender e que seja eficiente, também, na produção de mudanças comportamentais (MIZUKAMI, 1986).

A instrução skinneriana fornece variados conceitos que condensam as ideias básicas sobre o planejamento de estímulos reforçadores para a aquisição do conhecimento. Como princípio básico tem-se que o conteúdo a ser aprendido seja passado aos alunos em pequenos passos, reforçando todas as respostas desejáveis emitidas por eles e eliminando todas as contingências aversivas que surgirem durante o processo de ensino (MIZUKAMI, 1986).

O papel do professor na análise do comportamento é baseado no planejamento e este deve dominar algumas habilidades para que suas tarefas sejam realizadas com sucesso. Destaca-se algumas táticas, que para Skinner, são de grande importância para se obter um ensino eficiente (JANKE e RODRIGUES, 2010).

O primeiro passo a ser dado é conhecer previamente o aluno. É necessário observar o comportamento inicial do aluno para que, baseado nisso, o professor possa fazer um levantamento do que ele já sabe e de como o aluno sabe, assim, conhecendo o repertório de comportamentos de seu aprendiz o mestre pode planejar melhor as contingências possibilitando um aprendizado mais eficaz. É através deste conhecimento inicial do aluno que o professor observa e registra os comportamentos, as diferenças individuais, a diferença de suscetibilidade de reforçadores, podendo instalar novos comportamentos ou modificar os comportamentos já existentes (JANKE e RODRIGUES, 2010).

O segundo passo é determinar os objetivos, definindo o que deve se ensinar ao aluno. Baseado nas necessidades e na capacidade dos alunos os objetivos são elaborados levando em consideração o comportamento inicial e os comportamentos emitidos pelos alunos ao longo do processo de aprendizagem (JANKE e RODRIGUES, 2010).

Definir conteúdo, materiais didáticos e procedimento de estudo são os passos seguintes. O professor deve cuidar para diminuir ou eliminar as contingências aversivas que surgirem ao longo do processo de ensino. Devem-se utilizar reforçadores diariamente, porém atentar-se do que é reforçador ou não para o aluno, utilizar de reforçadores corretos e frequentes é fundamental para um ensino eficiente (JANKE e RODRIGUES, 2010). Skinner (1972) sugere que deve-se utilizar de esforços naturais como a atenção, satisfação, carinho, interesse entre outros com maior frequência deixando um pouco de lado os reforçadores arbitrários como notas, medalhas e diplomas, assim o aluno é capaz de produzir o comportamento de estudar de uma forma mais natural (SKINNER, 1972). É dever do professor separar o conteúdo a ser dado de acordo com a capacidade do aluno assim evita-se a frustração do estudante pelo esforço exigido ser além de sua competência (JANKE e RODRIGUES, 2010). Definido como “como ensinar” este passo no planejamento de ensino é listado da seguinte maneira:

Minimizar ou eliminar contingências aversivas - Fornecimento de condições consequentes ao comportamento do aluno, com privilégio para a utilização correta e efetiva de reforçadores (quer sejam arbitrários ou naturais) – utilizar reforço funcionalmente, ter cautela com reforçadores artificiais como doces, pontos, estrelas, *tokens*, etc, por poderem não ser funcionais. Preferência pelo uso de confirmação de desempenho, indicação de progresso, privilégios, trabalho preferido, aprovação e semelhantes. Substituição progressiva de reforçadores naturais por arbitrários – construção de reforçadores condicionados que sejam, preferencialmente, intrínsecos à tarefa.

Promoção da manutenção e generalização do comportamento após sua instalação (como arranjo de contingências de reforço que maximizem a probabilidade da manutenção do comportamento).

Respeito ao ritmo do aluno – estabelecimento de critério comportamental para reforçamento e individualização do ensino.

Observação e manutenção de registros sobre as respostas dos alunos – como base para identificação de repertórios, modificações de materiais e procedimentos de ensino.

Gradação dos conteúdos e da dificuldade – transformar conteúdos em pequenos passos e em sequência.

Propor e executar estratégias e procedimentos de ensino – visando atuar sobre condições antecedentes e conseqüentes ao comportamento (modelagem, modelação, instruções – comportamento verbal, *fading*, *time-out*, instigação, treino discriminativo, discriminação condicional por exclusão, etc.).

Utilização de tecnologia de ensino – aplicação de materiais programados, manuais, *softwares* educacionais, pacotes instrucionais como PSI, IP, *Precision Teaching*, *Direct Instruction* entre outros (RODRIGUES *apud* JANKE e RODRIGUES, 2010, p.08).

O quarto e último passo é avaliar o processo, ou seja, o quanto está sendo ensinado. Criam-se critérios de desenvolvimento do aluno e avalia-os juntamente com o professor no ambiente de ensino, esta avaliação é realizada ao longo de todo o processo de ensino aprendizagem. No início a avaliação é feita para que o professor possa criar estratégias e contingências para se atingir um objetivo eficaz, ao longo do processo a avaliação é feita para o replanejamento das contingências e da metodologia no caso de haver necessidades e no final do processo para averiguar se o objetivo foi alcançado. Aconselha-se a utilização frequente de reforço positivos, observações e transcrições do comportamento do aluno (JANKE e RODRIGUES, 2010).

Cabe ao professor a tarefa de planejar todo o processo de ensino de seu aluno, sendo que o objetivo mais importante é o de fornecer estímulos reforçadores e encontrar alternativas que diminuam os controles aversivos. Para Skinner (1972) é dever do professor aumentar o uso do reforçamento positivo respondendo o êxito do aluno ao invés de responder somente suas falhas (SKINNER, 1972).

Ao sinalizar o êxito do aluno, é tarefa do educando observar os comportamentos emitidos que devem ser fortalecidos ou construídos, enfatizar as habilidades dos alunos e ensinar os comportamentos que eles não dominam, analisando frequentemente o desempenho dos mesmos nas etapas do processo de ensino (FERNANDES e SANTOS, 2009).

Segundo Fernandes e Santos (2009), estímulos reforçadores são eficazes para se instalar novos comportamentos, o professor deve criar contingências reforçadoras para

aqueles comportamentos em que se julga adequado e não reforçar os comportamentos inadequados, ou seja, deve-se reforçar comportamentos específicos para que haja um ensino de qualidade (FERNANDES e SANTOS, 2009).

Professores que optaram por estabelecer uma relação reforçadora com seus alunos tem que estar cientes que o estímulo reforçador deve ser apresentado aos alunos depois que o mesmo já aprendeu o comportamento, as repetidas vezes de se apresentar o estímulo depois que o comportamento já foi estabelecido serve para manter o comportamento fortalecido (SKINNER, 1972) .Skinner (1972):

Um importante progresso na técnica permite manter o comportamento em dado estado de força por longos períodos de tempo. Reforços, é claro, continuam a ser importantes mesmo muito depois de o organismo ter aprendido como fazer algo, mesmo depois de ter adquirido o comportamento. São necessários para manter o comportamento fortalecido (SKINNER, 1972, p. 10).

O reforço aumenta a frequência de comportamento desejáveis e diminui a frequência de comportamentos indesejáveis, em vista disto cabe ao professor manter um ambiente reforçador para que comportamentos adequados sejam adquiridos pelos alunos. Geralmente a produção de estímulos reforçadores na construção de um repertório de comportamentos adequados geram ganhos não só aos alunos mas também aos professores e a outras pessoas envolvidas no processo de ensino aprendizagem (FERNANDES e SANTOS, 2009).

Professores reforçadores são capazes de estimular os alunos tornando-os mais satisfeitos, seguros e participativos dentro de sala de aula promovendo assim um ensino mais eficaz. Como viu-se no capítulo anterior, alunos que lidam frequentemente com contingências aversivas emitem respostas de contra-ataque a tais contingências, o comportamento de contra-atacar as contingências aversivas não é visto quando nos deparamos com uma relação reforçadora entre alunos e professores, isto nos permite dizer que comportamentos de indisciplina não são visto com frequência mediante a relações reforçadoras (SKINNER, 1972).

Comportamentos de fuga e esquiva, também não estão presentes em uma relação reforçadora haja vista que não haverá contingências aversivas para que o aluno se esquive. Isso faz com que a presença do aluno dentro de sala de aula seja tanto física quanto intelectual, ou seja, os alunos se mostrarão mais permissivos para realizar as tarefas como para participar das aulas. A insegurança vista nas relações aversivas não ocorre quando

falamos de relações reforçadoras, o que vemos são alunos seguros e dispostos a sanarem suas dúvidas, alunos estimulados a estudarem, a realizarem suas tarefas e satisfeitos com o seu desempenho escolar.

Professores atenciosos, são vistos como reforçadores e são capazes de diminuir o comportamento de indisciplina de seus alunos já que estes não precisam ser agressivos para serem enxergados dentro do ambiente escolar. Dar atenção quando o aluno executa suas atividades e se comportam de maneira adequada aumenta a frequência do comportamento disciplinar.

Baseado no comportamento inicial do aluno e se possível perante a um ensino individualizado o professor reforçador usa sua criatividade para produzir um ambiente agradável para a aprendizagem do aluno, leva em consideração sua capacidade intelectual e elabora uma metodologia de aula diferente usando atividades criativas e avaliações distintas assim ele consegue prender a atenção do aluno ao longo do processo educacional e faz com que ele se sinta a vontade no espaço escolar.

Mediante a um ensino baseado nas relações reforçadoras o aluno se sente motivado a estudar e a concluir o seu processo de aprendizagem, o jogo de estímulos e respostas agressivas vistas nas relações aversivas dão espaço a uma relação pacífica onde o respeito recíproco prevalece e o abandono escolar deixa de existir.

Os reforços naturais como a atenção, o carinho, o interesse entre outros utilizados com frequência são capazes de aumentar os comportamentos desejáveis não só dentro do ambiente escolar mas também no âmbito social do aluno fazendo com que o mesmo se torne um indivíduo mais educado e mais confiante mediante as suas relações interpessoais fora do ambiente escolar. Os reforços arbitrários como notas, medalhas e diplomas estimulam a participação do aluno no seu processo de aprendizagem e aguçam o comportamento de competitividade dos mesmos (SKINNER, 1972).

Mediante a um professor reforçador, o estudante se sente confiante em relação ao seu papel no processo educacional e emite respostas adequadas frequentemente, o medo de errar se esvai pois este age com a certeza de que não irá ser punido. O aluno passa a ser tolerante e permissivo a tudo aquilo que diz respeito ao seu processo de aprendizagem pois se sente a vontade em relação ao seu ambiente de ensino-aprendizagem. Skinner afirma que “uma vez arranjado o tipo particular de consequência chamado reforçador, as técnicas nos permitem modelar o comportamento de um organismo quase à vontade” (SKINNER, 1972, p. 10).

O professor baseado nos fundamentos do reforço é capaz de estabelecer uma relação de confiança com seus alunos e conseqüentemente oferecer um ensino produtivo gerando um

sentimento de satisfação em todos os indivíduos envolvidos com o processo de aprendizagem. O método educacional como um todo, mas o professor em particular, são motivadores da transformação do aluno e deve ser capaz de assegurar não só a aquisição de seu conhecimento mas também capaz de produzir indivíduos seguros para enfrentar o futuro (JANKE e RODRIGUES, 2010).

É dever de o professor atingir os objetivos intermediários e finais do ensino possibilitando aos alunos relações de confiança e estimulando o sentimento de segurança nos mesmos, só assim a trajetória de ensino é vencida de maneira eficaz. O professor deve criar condições para que o aluno alcance seus objetivos incentivando-os a produzir pensamentos críticos e usarem de sua criatividade e autonomia (JANKE e RODRIGUES, 2010).

O que se pode observar é que para se garantir um ensino de qualidade aos alunos precisa mudar a metodologia do ensino assim como abandonar os controles aversivos e utilizar com maior frequência as contingências reforçadoras. Skinner (1972) afirma que as contingências aversivas nunca serão abandonadas por controlar o comportamento dos alunos de forma imediata, porém, é possível notar que quando lidamos com professores reforçadores produzimos alunos competentes, seguros e estimulados com atitudes contrárias aos dos alunos inseridos em uma relação aversiva (SKINNER, 1972).

5 Considerações finais

Nota-se com o estudo apresentado que a abordagem de ensino atual é falha e é capaz de direcionar os alunos ao fracasso escolar. A abordagem tradicional utilizada na maioria das escolas atuais coloca os professores em uma posição superior a dos alunos e dá a ele o papel central no processo de ensino aprendizagem. O professor é responsável pela metodologia da aula, pela aquisição do conhecimento de seus alunos e por estabelecer as relações entre os que ali permanecem. As salas de aula geralmente são constituídas de dezenas de carteiras todas elas ocupadas por alunos que escutam todas as informações de forma passiva. Sendo responsabilidade do professor, manter a ordem dentro de sala e a disciplina dos alunos para que se possa chegar ao objetivo da aprendizagem com êxito. Muitas vezes, os professores usam de forma abusiva os estímulos aversivos como xingamentos, ameaças, bilhetes para casa, encaminhamento para diretoria entre outros, esses estímulos aversivos são usados para controlar o comportamento dos inúmeros alunos e muitas vezes para manter os professores na posição de superioridade estabelecida pela abordagem tradicional. Porém o que se observa, mediante ao uso dos variados estímulos aversivos, é que o professor se mantém em sua posição de superioridade mas o comportamento dos alunos não são controlados, acontece exatamente o contrário do que se espera, já que, como o efeito do controle aversivo utilizado pelo professor, os alunos começam a se comportar de maneira indisciplinar e agressiva. Além disso, o uso constante de controles aversivos estimulam os estudantes a serem inseguros e frustrados e, por isso, podem muitas vezes abandonar a escola.

Mediante esta situação, em que o ensino se torna ineficaz devido aos controles aversivos frequentes propõe-se uma discussão para a melhoria no processo do ensino aprendizagem. Esta discussão é feita baseada na metodologia de ensino proposta por Skinner através da qual ele defende o planejamento de aulas de acordo com o comportamento inicial, intermediário e final do aluno bem como sua capacidade de aprender, ou seja, para Skinner o professor deve observar o comportamento inicial do aluno e mediante a este comportamento fazer um levantamento do que o aluno já sabe e de como ele sabe, assim, conhecendo o repertório de comportamentos de seu aprendiz ele pode planejar melhor as contingências de ensino. Assim como o comportamento inicial o professor deve estar atento aos comportamentos intermediários e finais e mediante a estes fazer mudanças nas contingências e na metodologia da aula caso for necessário possibilitando, assim, um aprendizado mais eficaz. Afirma-se que as informações devem ser passada ao aluno respeitando o seu nível de entendimento e para que isso ocorra é necessário discutir a possibilidade de um ensino

individualizado, este ensino individualizado possibilita que o professor utilize de estímulos reforçadores na maior parte do tempo e tenha o conhecimento das dificuldades que o aluno enfrenta sem exigir dele aquilo que ele ainda não é capaz de realizar. De acordo com Skinner (1972) o que falta no ensino são reforços positivos e mediante a esta fala podemos considerar que o primeiro passo a ser dado para se melhorar o ensino é criar relações reforçadoras entre professores e alunos. Relações reforçadoras estimulam os alunos a aprenderem e tornam-os mais satisfeitos e seguros dentro do processo de ensino aprendizagem tendo como consequência um ensino eficaz.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rdrigues. **O que é educação**. 23ª Ed- São Paulo, Brasiliense, 1989

CHAKUR, Cilene Ribeiro de Sá Leite. Fundamentos da prática docente: por uma pedagogia ativa. **Revista Paidéia**, Ribeirão Preto, n.8-9, p. 37-52, 1995. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X1995000100004&lng=pt&nrm=iso . Acesso em: 22 agosto 2014

FERNANDES, Estefania Cheruli.; SANTOS, Antonio Carlos Godinho. Programação de contingências reforçadoras no fortalecimento de repertórios pró-sociais no contexto escolar. **Revista Brasileira de terapia Comportamental e Cognitiva**, campina, SP, v. XI, n. 2, p. 285-304, 2009. Disponível em: <http://www.usp.br/rbtcc/index.php/RBTCC/article/view/403>. Acesso em: 02 novembro 2014

FIDALGO, Adriana Pineiro. BANACO, Roberto Alves. O estudo do comportamento verbal no Brasil. **Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 30, n. 3, p. 347-355, 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722014000300012&lng=pt&nrm=iso . Acesso em: 13 setembro 2014

HÜBNER, Maria Martha Costa, *et al.* **Análise do Comportamento para a Educação: Contribuições recentes**. 1ª Ed. Santo André, SP: ESETec Editores Associados, 2004.

JANKE, Juliana. RODRIGUES, Maria Esther. O papel do professor na proposta da análise do comportamento a partir da visão skinneriana de ensino. **II simpósio nacional de educação**, Cascavel, PN, 2010

MILHOLLAN, Frank, FORISHA, Bill E. **Skinner X Rogers: maneiras contrastantes de encarar a educação**; tradução de Aydano Arruda. – 3ª Ed. – São Paulo: Summus, 1978

MIZUKAMI, Maria das Graças Nicoletti. **Ensino: as abordagens do processo**. – São Paulo: EPU, 1986

MOREIRA, Marcio Borges, MEDEIROS, Carlos Augusto de. **Princípios básicos de análise do comportamento**. – Porto Alegre: artmed, 2007

SKINNER, B.F. **Ciência e comportamento humano**; tradução João Carlos Todorov, Rodolfo Azzi. – 10ª Ed.- São Paulo: Martins Fontes, 1998

SKINNER, B.F. **Tecnologia do ensino**; tradução de Rodolfo Azzi. São Paulo, Herder, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1972

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Construção do conhecimento em sala de aula**, 18ª Ed. – São Paulo: Libertad, 2005. – (Cadernos Pedagógicos de Libertad; v.2)

WERNECK, Hamilton. **Se você finge que ensina, eu finjo que aprendo**. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.